



## Qualificando uma estratégia formadora: a proposta dos estágios da graduação em Odontologia da UFPB

*Yuri Wanderley Cavalcanti \**

*Edson Hilan Gomes de Lucena \*\**

*Murilo da Cunha Wanzeler \*\*\**

*Wilton Wilney Nascimento Padilha \*\*\*\**

\* Estudante de Odontologia da UFPB; Facilitador de Educação Permanente em Saúde.

\*\* Coordenador de Saúde Bucal da SMS/JP; Tutor de Aprendizagem.

\*\*\* Coordenador do Projeto Desenvolvendo Sistema Local de EPS; Orientador de Aprendizagem.

\*\*\*\* Professor Titular do Departamento de Clínica e Odontologia Social; Orientador de aprendizagem.

### RESUMO

Os estágios dos cursos de graduação visam reorientar o processo de formação, geração de conhecimento e prestação de serviços à população com abordagem humanística e integral do processo saúde-doença, uma vez que existe um descompasso entre a orientação da formação dos profissionais de saúde e os princípios, as diretrizes e as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS). Por ser um importante campo de atuação, capaz de proporcionar vivências das realidades do serviço, consiste em um diferencial na formação desses profissionais. Diante da necessidade de discutir como se desenvolvem tais atividades durante o Curso de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), buscou-se provocar mudanças na execução dos estágios da graduação, visando contribuir para a formação de atores mais críticos e empenhados numa na melhoria da formação em saúde adequada às práticas do Sistema. Assim, foi proposta uma avaliação e qualificação junto aos atores envolvidos nos estágios (professores, estudantes, profissionais e gestão municipal da saúde. Para tanto, foi organizado um fórum de debates envolvendo todos os representantes os quais expuseram suas visões e sugestões para os estágios. O processo se deu em meio a articulações e estratégias que buscavam atingir a adesão das pessoas envolvidas às propostas colocadas em cena. A deflagração desse processo de mudança se fez importante no sentido de problematizar as atividades desenvolvidas nos estágios da graduação. Um momento raro, e até mesmo único, foi construído com episódio em que estudantes, professores, profissionais e gestão compõem um espaço de debate em horizontalidade, na busca de estratégias que possam melhorar a formação de profissionais de saúde. Os enfrentamentos são reais e inevitáveis; frutos de uma diversidade pedagógica capaz de gerar saberes em coletivos de trabalho. A Educação Permanente se fez presente no desenvolvimento de mudança de práticas no trabalho vivo do estágio.

CAVALCANTI, Y. W.; LUCENA, E. H. G.; WANZELER, M. C.; PADILHA, W. W. N. Qualificando uma estratégia formadora: a proposta dos estágios da graduação em Odontologia da UFPB. **Revista de Iniciação Científica em Odontologia - RevICO**, João Pessoa, v. 6, Suplemento 1, jul./dez. 2008.

**Descritores:** Saúde Coletiva, Educação e Trabalho em saúde, Educação Permanente.

## 1 – Introdução

A Educação Permanente em Saúde (EPS) constrói-se sobre um campo de prática em que o processo de trabalho representa matéria-prima do processo formativo (CAVALCANTI; WANZELER; PADILHA, 2008).

Baseando-se na estratégia de formação de coletivos de trabalho, buscou-se atingir processos de mudança de práticas a partir da implicação de atores no processo de formação de Facilitador de EPS.

Para este relato, trazemos a experiência de um desses atores implicados, que operou pela qualificação da proposta dos estágios da graduação em Odontologia.

Foram colocadas em discussão as práticas dos Estágios Supervisionados do curso de graduação em Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nesse curso, o componente curricular “Estágio Supervisionado” está presente desde o primeiro período da graduação, estendendo-se até o término do curso.

O Estágio na rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) compreende um espaço em que o estudante interage e viven-

cia, de forma intensa, a produção do cuidado ao usuário. Dessa forma, representa um importante local de produção de aprendizados e troca de saberes. Além do grande peso na composição curricular, compreende um importante campo de formação de profissionais interessados em construir o SUS.

O município de João Pessoa, por meio da Gerência da Educação em Saúde e em parceria com o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) da Universidade Federal da Paraíba, vem desenvolvendo o processo de Educação Permanente em Saúde (EPS) na sua rede de Atenção, através do Curso de Facilitadores de EPS, com participação de graduandos e profissionais. O início deste processo de formação em educação permanente vem estimulando a reflexão crítica dos atores envolvidos, o que produz ações pedagógicas e impulsiona transformações na micropolítica dos cenários de práticas.

Dessa forma, buscamos provocar mudanças na execução dos estágios da graduação, ao contribuir na formação de atores mais críticos e empenhados numa educação mais qualificada; adequada às práticas do Sistema.

## 2 – Caracterização do problema

Para Brustolin et al. (2006), a formação de recursos humanos adequados à realidade sócio-epidemiológica do Brasil é o grande desafio para a consolidação do SUS. Moimaz et al. (2006) comentaram sobre o fato dos alunos, no lugar de atender às necessidades da população, entendem o paciente como instrumento no qual o conhecimento adquirido é simplesmente reproduzido. O Relatório Final da III Conferência Nacional de Saúde Bucal (2004) criticou o modelo formador no país, ao destacar a falta de comprometimento com as necessidades da população:

*“O sistema de ensino superior não está cumprindo o seu papel na formação de profissionais comprometidos com o SUS e com o Controle Social. A formação dos trabalhadores da Saúde Bucal não se orienta pela compreensão crítica das necessidades sociais em Saúde Bucal. [...] Ainda que se observem alguns esforços pontuais para mudar esse quadro o sistema de ensino su-*

*perior está, de maneira geral, quase que totalmente alienado da realidade sócio-epidemiológica da população brasileira inclusive com a convivência dos dirigentes e docentes da área” (BRASIL, 2004).*

Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para a Odontologia foram instituídas no ano de 2002. As DCN's orientam a formação de um cirurgião-dentista cujo perfil acadêmico e profissional apresente competências e habilidades relacionadas à atuação qualificada e resolutiva no Sistema Único de Saúde. Assim, houve um direcionamento da formação para os aspectos da atenção integral da saúde, trabalho em equipe, e valorização do sistema regionalizado e hierarquizado de referência e contra-referência (MORITA; KRIGER, 2004).

Santa-Rosa, Vargas e Ferreira (2007) afirmaram que, durante o início da graduação, a pouca ênfase dada às ciências humanas

aplicadas ao serviço público de saúde dificultou a inserção dos estudantes no SUS.

Segundo Moimaz et al. (2004), o desenvolvimento de atividades extramurais, em interação com a comunidade, é capaz de sensibilizar os alunos frente à realidade social na qual atuam, e com isso contribuir para sua formação profissional. Essas atividades vêm cumprindo com o seu papel, que é formar profissionais comprometidos com a saúde bucal coletiva. De acordo com Vilarinho, Mendes e Prado Jr. (2007), os cirurgiões-dentista formados se destinam ao trabalho no SUS por gostar de trabalhar com a comunidade; gostar do trabalho em equipe e a melhor remuneração.

Desde o ano de 2002, quando um novo Projeto Político Pedagógico (PPP) foi aprovado, o Curso de Odontologia da UFPB passou por mudanças que foram benéficas ao curso ao adequar o currículo às DCN's para Odontologia. No entanto, a simples mudança curricular, não foi capaz de provocar total mudança de práticas.

O curso de graduação em Odontologia da UFPB dedica 330 horas/aula do currículo pleno ao exercício do componente curricular Estágio Supervisionado, que se distribui do primeiro ao nono período. Ao décimo período, somam-se os componentes "Estágio Rural Interprofissional – ERIP" e Clínica Integrada, os quais representam também carga horária destinada a estágios na rede de serviços do SUS. Essa atividade busca, entre outras coisas, promover a vivência do estudante de graduação em Odontologia nas práticas do SUS.

Os Estágios Supervisionados (ES) do curso de Odontologia da UFPB se dividem em áreas temáticas, com crescente nível de complexidade. Do primeiro ao quarto semestre de graduação, o componente é vinculado à área de saúde coletiva, desenvolvendo intervenções no campo da Atenção Básica em Saúde. No quinto, sexto e sétimo semestres, a disciplina se concentra em áreas de especialidades: Estomatologia; Cirurgia Buco Maxilo Facial; e Dentística Operatória, respectivamente. No oitavo e nono semestres, os alunos podem escolher o local de estágio, entre os três níveis de atenção – primária; secundária ou terciária. No entanto, o foco dos Estágios Supervisionados VIII e IX continuam sendo especialidades como endodontia, periodontia, prótese, pacientes especiais e odontopediatria.

Ao décimo período, último semestre, o estudante de Odontologia da UFPB participa do Estágio Rural Interprofissional (ERIP) e da Clínica Integrada, espaços de atuação que são considerados estágios da rede de serviços do SUS. Todos esses componentes curriculares descritos (ES, Clínica Integrada e ERIP) são obrigatórios e correspondem a 20% da carga horário do curso de graduação (4.500 horas).

Aprofundando-se sobre as práticas nos estágios da graduação, sugiro alguns questionamentos: Que tipo de vivência deseja-se promover? Que atividades estão (ou deveriam estar) presentes nessa vivência? Que formação está implicada nessa atividade? Qual é o papel do estudante enquanto estagiário? Qual a postura do professor enquanto "facilitador" e supervisor do estágio? A quem desejamos atingir com tais ações? Qual deve ser a qualidade dessas ações? Como devemos avaliar as ações dos estágios? Quem deve avaliar? Como os estudantes; os profissionais da rede de atenção e os usuários percebem a prática nos estágios?

Muitas vezes, os ES desenvolvem-se como mero campo de aplicação prática de procedimentos, que valoriza o modelo curativista de atenção e não promove o debate sobre a construção e fortalecimento do SUS. Permanece a postura de "observador", que nada tem a ver com a realidade enfrentada, estando sempre "de passagem".

Se os estudantes participam da rotina do serviço do SUS e não debatem acerca de sua dinâmica; não refletem sobre os problemas enfrentados e não desenvolvem ações junto aos trabalhadores da rede, de que servirá essa atividade se não para valorizar a mecanicismo da saúde e formar profissionais que não estão dispostos a fortalecer o sistema?

Segundo Cavalcanti et al. (2008), 89,7% dos estudantes de Odontologia da UFPB pretendem trabalhar no serviço público. Destes, 27,9% indicam afinidade com saúde coletiva, e 55,8% acreditam que seja uma boa oportunidade para o primeiro emprego. 63,4% desejam montar consultório particular objetivando lucratividade e independência profissional; 88,4% dos pesquisados informaram interesse em conciliar o emprego público e privado.

Ainda segundo Cavalcanti et al. (2008), os estudantes de graduação em Odontologia da UFPB declaram ter um perfil profissional semelhante ao esperado para a Odontologia no SUS, segundo as últimas DCN's. Mesmo com uma formação direcionada às práticas em saúde pública, os estudantes admitem pouca afinidade com o trabalho em saúde coletiva e desacreditam na eficácia do SUS em atender as necessidades da população.

### 3 - Proposta e Desenvolvimento da Ação

Inicialmente, tomamos como enfrentamento o modelo de formação em saúde encontrado no curso de Odontologia na UFPB. Compreendendo o modelo de atenção preconizado pelo SUS, as disputas entre o mercado público e privado e o processo pedagógico envolvido, buscávamos discutir tal formação.

Para tanto, construímos a proposta do "I Seminário de Formação Conceito A – SemForCA". Nessa oportunidade, seriam proporcionados espaços de debate que abordariam o papel dos ES na formação do estudante de Odontologia. Para este momento, planejamos colocar em pauta os aspectos que constroem a proposta do ES: proposta político-pedagógica; metodologias ativas utilizadas; produção de aprendizados; tipos de ações desenvolvidas; e percepção dos estudantes, dos profissionais da rede de serviços e dos usuários.

Com a finalidade de organizar e rediscutir o SemForCA, houve o debate sobre o projeto na reunião do Centro Acadêmico de Odontologia e na primeira "Reunião dos Estágios" – organizada pela gestão do mesmo Centro Acadêmico (CA). Nesses encontros, foi questionada a necessidade e a viabilidade de discussão de todos os temas propostos. O grupo gestor do CA optou por selecionar os temas abordados, de modo a tratar os temas de forma mais objetiva.

Então, no espaço das reuniões do CA, foi construído um novo projeto de intervenção, o qual abordou a prática dos ES como alternativa de formação que merece ser debatida, problematizada e melhorada; a partir das propostas construídas em um coletivo formado por docentes, discentes, profissionais e gestão de saúde – convidados para o SemForCA.

Dessa forma, o desenvolvimento da EPS no campo dos ES é relevante na qualificação do processo de formação de profissionais implicados na construção e fortalecimento do SUS. Ao compreender a riqueza de aprendizados que a EPS gera a partir da problematização, construiu-se um fórum de debates dos ES, com o objetivo de atingir uma formação mais qualificada para o serviço público de saúde.

De acordo com essa proposta seriam organizados dois momentos: um de avaliação sobre o modelo de formação (ponto de partida para discussão de formação e estágios); e outro de debate acerca da prática dos ES em Odontologia na UFPB ("Pra quê? Por quê? Pra quem?").

No tocante à avaliação da formação em Odontologia na UFPB, tinha-se o objetivo de esclarecer as mudanças curriculares ocorridas em 2002; conhecer melhor a estrutura do curso de Odontologia e a organização dos ES. Isso situaria no tempo os convidados do SemForCA.

Quanto ao debate acerca das práticas dos ES, buscou-se expor a visão de docentes, discentes, profissionais da rede e gestão de saúde. Infelizmente, não pudemos contar com a participação do Controle Social de João Pessoa nesse debate. Sem negar a importância da entidade, a organização do SemForCA não comunicou a realização do evento ao Conselho Municipal de Saúde de João Pessoa.

Confiou-se na sensibilização e colaboração (MATUS, 1991) dos sujeitos convidados, de modo a garantir a participação no debate. Aos poucos, essa estratégia mostrou-se falha; principalmente após a configuração de apatia dos estudantes e conflito junto aos docentes. Foi preciso lançar mãos de autoridade e negociação (MATUS, 1991) para confirmar a presença de alguns atores importantes.

Logo, intensificou-se a divulgação entre os estudantes, por meio de panfletos, cartazes, avisos em sala e informativo acadêmico. Foram definidas data e local de realização, sendo planejada também a confecção de cer-

tificados para os participantes, o que incentivaria a participação de estudantes.

As instâncias de Direção de Centro, Coordenação de Curso e Departamentos de Odontologia foram convidadas a participar dos debates sugeridos pelo SemForCA. A Gestão de Saúde do município de João Pessoa, em nome da Coordenação de Saúde Bucal e da Gerência da Educação e do Trabalho na Saúde, recebeu o mesmo convite, o qual foi extensivo aos profissionais (Cirurgiões-Dentistas) da rede de serviços do SUS que participam dos estágios da UFPB.

Marcamos uma reunião em que os atores (professores, alunos e gestão) pudessem "sentar para discutir" a proposta do seminário. Para participação docente, conseguimos articular uma convocatória de um dos Departamentos de Odontologia da UFPB, o que garantiu a participação docente. A gestão municipal de saúde se fez presente em nome da Coordenação de Saúde Bucal. A participação discente se deu com a presença de membros do CA e outros estudantes que compareceram à reunião.

Nesse momento, o projeto do SemForCA subsidiou o debate, sendo rediscutido. O debate foi direcionado para os objetivos que o seminário desejava atingir. Foi definido um foco de discussão para o SemForCA: "O Estágio Supervisionado como prática formadora".

De acordo com a re-avaliação do projeto, foi pactuado que o SemForCA aconteceria durante um sábado e seria construído da seguinte maneira:

- *Período da manhã: Apresentação da visão dos estudantes, dos profissionais da rede e da gestão municipal de saúde de como se desenvolvem as atividades dos ES;*
- *Período da tarde: Avaliação sobre a prática dos ES, baseada nas apresentações no período da manhã; com críticas e sugestões para o ES.*

Os movimentos gerados com o processo de construção do projeto do SemForCA introduziram uma avaliação dos ES como alternativa formadora, na qual o estudante está em campo e é protagonista da produção de saberes sociais e técnicos no SUS. Para o Seminário de Formação, foi proposto o debate acerca da capacidade do ES desenvolver a

autonomia do estudante, no aspecto da construção do conhecimento.

No SemForCA, estiveram presentes cinco estudantes, dos 345 que faziam parte do curso. A apresentação da visão acadêmica acerca dos Estágios Supervisionados foi embasada no relatório parcial de intervenções ("*Oficinas dos Estágios Supervisionados*") desenvolvidas por um membro do CA, estudante de Odontologia, que estava em processo de formação em EPS. Tal movimento aconteceu através das "Oficinas dos Estágios Supervisionados", que apresentaram como propostas:

- *Realizar o estágio durante dois períodos na mesma USF, com a intenção de ampliar o vínculo com a Comunidade e a equipe envolvida;*
- *Acabar com a divisão TEORIA x PRÁTICA, principalmente nos estágios iniciais do curso. Pretende-se trabalhar o conteúdo teórico a partir da vivência real;*
- *Formação de convênio curricular com alta complexidade e serviço de emergência;*
- *Incluir o controle social nas reuniões de avaliação dos estágios;*
- *Estabelecimento da continuidade da ementa dos estágios e construção da "Coluna Vertebral do Estágio Supervisionado";*
- *Produzir melhor aproveitamento do Pró-Saúde, fazendo com que este atinja todo o curso;*
- *Desenvolvimento de estágios na gestão de saúde do município.*

Entre os docentes, sete estiveram presentes e puderam contribuir com o debate. Compareceram os professores ligados ao ES I, II, III, IV, V, VIII e IX. As propostas dos professores responsáveis pelos "estágios em Saúde Coletiva" (ES I, II, III, e IV) apresentaram semelhanças e diferenças com relação à proposta montada pelos estudantes, destacando-se a busca do conhecimento e a problematização da realidade pelos estudantes, sob orientação docente.

A proposta apresentada pelos professores, de certa forma, envolvia o debate teórico da saúde. Por outro lado, foram sugeridas abordagens pedagógicas inovadoras, como a prática em educação popular dentro do en-

sino; o debate de práticas em campo; a construção de portfólios; e a avaliação das ações desenvolvidas. A gestão de saúde do município, representada pela coordenação de saúde bucal e pela gerência do trabalho e da educação na saúde, valorizou a prática da educação permanente, no âmbito dos estágios, como alternativa para qualificar a formação.

Nesse fórum de discussão foi retirado um encaminhamento para uma próxima reunião, na qual seriam apresentadas as avaliações discentes e docentes do Estágio desenvolvido no semestre 2008.1. Também seriam construídas novas propostas de “*Reforma do Estágio*” para um debate futuro.

A representatividade do Centro Acadêmico foi então questionada, uma vez que poucos estudantes participaram desse fórum. Para que fosse garantido um debate mais ampliado, evitando também novos questionamentos sobre a representatividade do CA, pactuou-se sobre a eleição de representantes de sala para participação no próximo fórum de debates.

No entanto, um novo fórum não foi realizado devido a fatores diversos como: tempo reduzido para encerramento do período letivo; tempo longo até o período letivo seguinte; falta de interesse por parte dos estudantes, o que reduz concretamente a representatividade do

CA; desarticulação com os professores responsáveis pelos ES VI e VII. A continuidade de avaliação dos estágios se desenvolveu em pequenos fóruns, limitados ao encerramento das disciplinas Estágio Supervisionado I, II, III e IV, referentes à Atenção Básica. A partir dessas avaliações, os mesmos componentes curriculares se comprometeram em superar as fragilidades.

Deste movimento, retiramos o aprendizado de que as propostas de atividades (planos) no coletivo sempre sofrem modificações. Assim, cada indivíduo deve atuar politicamente em busca da maior quantidade de recursos e controle do jogo (em casos de disputa de interesses). Outro aprendizado é que o respaldo (participação) do coletivo o qual representa é fundamental para que o adversário não desqualifique as propostas facilmente, a exemplo da associação entre baixa participação e reduzida representatividade.

No espaço de disputa, o reduzido apoio de aliados consiste em uma fragilidade frente a grupos que disputam o mesmo interesse. O controle da situação-problema (para participação dos atores, por exemplo) é importante para que as estratégias se desenvolvam.

#### 4 - Avaliação do processo de mudança

A deflagração desse processo de mudança se fez importante no sentido de problematizar as atividades desenvolvidas nos estágios da graduação. Nesse caminho, atingimos maior interação entre alguns docentes, poucos discentes, alguns profissionais e gestão; com o objetivo de melhorar a estratégia pedagógica que é o estágio.

Por muito tempo, as discussões sobre as práticas dos estágios concentraram-se sobre docentes e profissionais, que articulavam tal atividade. Com a implantação do Pró-Saúde, o debate acerca das atividades extramurais da graduação tornou-se mais ampliado. No entanto, não foi capaz de atingir todo o curso, tampouco promover uma avaliação crítica acerca do que estava sendo produzido nesses espaços.

No lugar de rodas de debate pautadas em queixas contra estudantes, professores ou profissionais; acusações contra a gestão de saúde e transferência de responsabilidades foi promovido um espaço que teve por objetivo avaliar as transformações atingidas e os desafios a serem enfrentados na singularidade dessa prática. Nos atores que se fizeram presentes, foi possível perceber tentativas de mudança de práticas em sua realidade, numa intenção de produzir o estágio de forma diferente.

Destacamos também a iniciativa de estudantes ao propor essa qualificação, o que fortalece o movimento de luta por uma prática mais coerente à formação de profissionais capazes de prestar atenção humanizada, generalista e integral. Motivos para evitar tal enfrentamento são muitos: provas, trabalhos,

curiosos, outras atividades, inoperância, medo perante indisposição com professor etc. No entanto, esses estudantes acreditaram na necessidade dessa discussão para melhoria da formação. A partir do momento em que deixamos de avaliar a qualidade das práticas desenvolvidas, entramos em contato a estagnação, ativismo e possível involução desse processo.

É importante analisar que o “problema” não está apenas no outro. O Centro Acadêmico pode ter trabalhado de forma insuficiente no papel formador de atores políticos, que lutam por uma formação de melhor qualidade. Falhou na mobilização, na articulação para participação de mais atores. Falhou pela ausência de seus próprios membros.

Por outro lado, foi capaz de articular a participação de atores que, historicamente,

mostraram-se do lado oposto ao dos estudantes e raramente apoiaram suas ações políticas. Foi identificada a necessidade da participação de membros do controle social para composição no debate. O conjunto dos atores que se fizeram presentes não diminuiu a qualidade do que foi construído.

Um momento raro, e até mesmo único, foi construído com episódio em que estudantes, professores, profissionais e gestão compõem um espaço de debate em horizontalidade, na busca de estratégias que possam melhorar a formação de profissionais de saúde. Os enfrentamentos são reais e inevitáveis; são frutos de uma diversidade pedagógica capaz de gerar saberes em coletivos de trabalho.

## 5 – Conclusão

Os Estágios da graduação em odontologia da UFPB ainda funcionam como campos de aplicação de técnicas, cenários de observatórios, com baixo impacto sobre a formação em saúde pública. Não obstante, são inegáveis as transformações que essa atividade vem sofrendo; a partir do empenho dos “atores” que constroem o Estágio.

A prática da EPS, de certa forma, estimulou processos de avaliação e problematização que puderam colocar em pauta a organização político-pedagógica dos estágios. Dessa forma, foi iniciado um movimento de qualificação da formação em Odontologia, a qual contou com o envolvimento pessoas internas e externas à Universidade: estudantes, professores, profissionais da rede de atenção e gestão de saúde.

A participação ativa dos docentes, e de atores externos a UFPB, sinaliza a existência de um espaço interativo e aberto para o debate, no campo da melhoria da formação.

A Educação Permanente se fez presente no desenvolvimento de mudança de práticas no trabalho vivo do estágio. Houve a tentativa de construção de um coletivo de trabalho envolvido intimamente com o melhoramento dos Estágios. Não há evidências do sucesso da formação desse coletivo, porém não significa dizer que o assunto dos estágios se tornou obsoleto.

*“A ausência da evidência não significa e evidência da ausência”*

**Carl Sagan**

## 6 – Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento da Atenção Básica. Coordenação Nacional de Saúde Bucal. III Conferência Nacional de Saúde Bucal: Acesso e qualidade superando a exclusão social. **Relatório Final**. Brasília: Comitê Executivo da III CNSB; 2004. 84p.

BRUSTOLIN J, et al. Perfil do acadêmico de Odontologia da Universidade do Planalto Catarinense – Lages – SC, Brasil. **Revista da ABENO**. Brasília, v. 6, n. 1, p. 70-76 jan./jun. 2006.

CAVALCANTI, Y. W. ; LIMA, A. A. ; CARTAXO, R. O. ; PADILHA, W. W. N. Visão dos estudantes de Odontologia da UFPB sobre o SUS. In: XIX Encontro Nacional de Administradores e Técnicos do Serviço Público Odontológico - XIX ENATESPO, 2008, João Pessoa. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**. João Pessoa, v. 8. n. 1, p. 34-34, jan./abr. 2008.

MATUS, C. O. Plano como Aposta. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo, v. 5. n. 4, p. 28-42, out./dez. 1991.

MOIMAZ, S. A. S. et al. Representação social de acadêmicos de odontologia sobre a área de Odontologia Social. **Revista da ABENO**. Brasília, v. 6, n. 2 p.145-149, jul./dez. 2006.

MOIMAZ, S. A. S. et al. Serviço Extramuro Odontológico: Impacto na Formação Profissional. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**. João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 53-57, jan./abr. 2004.

MORITA, M. C.; KRIGER, L. Mudanças nos cursos de Odontologia e a interação com o SUS. **Revista da ABENO**. Brasília, v. 4, n. 1, p.17-21, jan./jun. 2004.

SANTA-ROSA, T.T.A.; VARGAS, A.M.D.; FERREIRA, E.F. Rural internship and the formation of dental students at UFMG. **Interface: comunicação, saúde, educação**. Botucatu, v.11, n.23, p.451-66, set/dez 2007.

VILARINHO, S. M. M., MENDES R. F., PRADO JR. R. R. Perfil dos cirurgiões-dentistas integrantes do PSF em Tersina (PI). **Revista Odonto Ciência**. Porto Alegre, v. 22, n. 55, jan./mar. 2007.

**Este artigo é de responsabilidade de seus autores e a equipe de Edição da Revista de Iniciação Científica em Odontologia não se responsabiliza pelo conteúdo aqui apresentado.**

Yuri Wanderley Cavalcanti  
Estudante de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).  
Contato: [yuri.wanderley@yahoo.com.br](mailto:yuri.wanderley@yahoo.com.br)

